



LITERATURA EM MOVIMENTO E A (TRANS)FORMAÇÃO DE LEITORES/AS¹

LITERATURE IN MOVEMENT AND THE (TRANS)FORMATION OF READERS

Elisabeth Silva de Almeida Amorim²

Resumo: Este artigo aborda a mudança nas práticas de letramentos literários na Educação Básica com o crescente uso das tecnologias digitais, através das quais, o estudante se desprende da condição de leitor e torna-se leitor-autor. Assim, o objetivo é discutir a literatura em movimento como influência do uso das tecnologias digitais para a (trans)formação de leitores(as). A princípio, diálogos com *Deleuze* (2009), *Derrida* (2014) e *Barthes* (1987; 2004) para requisitos da intersemiose e a teoria desconstrutivista. Com abordagem qualitativa, vídeos curtos com a literatura que se desmontam nos espaços virtuais e oficinas de leituras serão utilizados. Espera-se que este artigo possa contribuir para ressignificação e afirmação de novos (as) leitores(as).

Palavras-chave: Literatura em movimento. Tecnologia digital. Leitor-autor.

Abstract: This article addresses the change in literary literacy practices in Basic Education with the increasing use of digital technologies, through which, the student detaches from the condition of reader and becomes a reader-author. Thus, the goal is to discuss literature in movement as an influence of the use of digital technologies for the (trans)formation of readers. At first, dialogues with *Deleuze* (2009), *Derrida* (2014) and *Barthes* (1987;2004) for requirements of intersemiosis and the deconstructivist theory. With a qualitative approach, short videos with the literature taking apart in virtual spaces and reading workshops will be used. It is hoped that this article can contribute to the re-signification and affirmation of new readers.

Keywords: Literature in movement. Digital technology. Reader-author.

¹ Artigo recebido em 13 de agosto de 2021 e aceito para publicação em 26 de setembro de 2021.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural (UNEB). Grupo de pesquisa *Lingua(gem)* e Crítica Cultural (UNEB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0617-7398>. E-mail mrs.bamorim@yahoo.com.br. Orientanda do professor Dr. Roberto Henrique Seidel. Bolsista CAPES.

Caminhos e (des)caminhos de uma literatura que se movimentava

Atualmente, a literatura percorre fios, pois está entrelaçada a várias redes e signos, desmontada a um toque do usuário de aparelho celular, computador, tablet e Internet; um caminho ou descaminho transitado antes de tê-la acessível, e, contraditoriamente, distante de muitos estudantes. Se o objetivo da leitura do texto literário era aprender a língua com eloquência, a meta foi alterada ao longo da história do Ensino da Literatura no Brasil, e, com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em dezembro de 2017, norteadas por dez competências gerais, o ensino de linguagens se volta para a formação de leitores e leitoras.

No Brasil-colônia, a Coroa Portuguesa para ocupar e administrar as terras recém-descobertas, implantou o sistema de Capitânicas Hereditárias, posteriormente, nomeou um Governo-Geral capitaneado por Tomé de Sousa (1549). E, através dos padres que vieram com o governador, as leituras promovidas eram para o exercício da dominação de nativos e escravizados no solo brasileiro. Séculos depois, com a vinda da Família Real ao Brasil, para atender aos agregados do rei, fundou-se a Biblioteca Nacional, priorizando os cânones europeus. Mais uma vez a literatura estava à serviço dos interesses da classe dominante.

No entanto, a arte da eloquência pregada pelos jesuítas teve seu declínio dois séculos depois com a expulsão da Companhia de Jesus, pelo Marquês de Pombal em 1759, conhecida como Reforma Pombalina. Para Oliveira (2009), o Alvará de 1759 é identificado como precursor do Ensino da Literatura no Brasil, apesar de pedagogicamente não haver alteração significativa em relação ao propósito dos jesuítas expulsos. Oliveira reafirma, fundamentado em Carvalho:

Para Carvalho (1952, p. 60-61), em “substância, o Alvará de 28 de junho de 1759 não tem outro sentido que não este: o de manter a continuidade de um trabalho pedagógico que a expulsão dos jesuítas ameaçava comprometer”. Tendo motivações muito mais circunstanciais e políticas que filosóficas ou pedagógicas, o documento, segundo o autor, acompanhou um movimento geral de reformulação jurídica do Estado português durante o reinado de D. José I. (OLIVEIRA, 2009, p. 2)

A política pedagógica de doutrinação, através da leitura, tem raízes profundas, por isso que o prazer do texto é uma busca constante na Educação Básica na contemporaneidade. A Retórica, segundo Oliveira (2009, p. 9), é a primeira disciplina que hoje é identificada como Literatura, tem origem no século V a.C. “com o objetivo de sistematizar os recursos que poderiam dotar a palavra do poder de persuasão, englobando a literatura como modalidade específica de arte.” Bem, nosso propósito é discutir a literatura em movimento como influência do uso das tecnologias digitais para a formação e transformação de leitores e leitoras.

Com abordagem qualitativa, fundamentada na teoria da intersemiose, de Roland Barthes (2001), investigamos produtos de oficinas de leituras e desleituradas de textos literários e vídeos curtos, produzidos por estudantes de Ensino Médio de escola pública no interior da Bahia, através dos quais a literatura ganha imagem e movimento. Este artigo se estrutura em três seções: *O ensino da literatura na Educação Básica: entre táticas e métodos*, *Ensino da literatura e as tecnologias digitais: uma conturbada relação* e *A (trans)formação do leitor na contemporaneidade*.

De diferentes formas a literatura se faz presente na história do ensino brasileiro, seja para aprender bem a língua padrão, ou apreciar textos de origem nacional, através de escritores brasileiros do século XVIII. O olhar para a literatura se modifica gradualmente, na LDB/1971, período ditatorial no Brasil, o foco da literatura era comunicabilidade eficaz, porém, a Nova LDB/1996 as habilidades discursivas entram em cena, ampliadas para as competências, visando o estímulo do pensamento crítico do leitor. Como a Educação Básica trabalha a literatura? Algumas táticas e métodos para fugir do aprisionamento do livro didático discutiremos a seguir.

O ensino da literatura na Educação Básica: entre táticas e métodos

Toda significação é vontade de potência... vontade de potência é um apetite insaciável de manifestar a potência (NIETZSCHE, 2010, p. 383).

Mesmo no século XXI ainda há quem faz uso do texto literário para intimidar, ou silenciar o aluno. Quais as marcas que um texto poderá deixar no leitor da Educação Básica quando o prazer pela leitura se distancia da proposta pedagógica? Para Nietzsche o “conhecimento é instrumento de potência”, mas tem como pensar no conhecimento literário dissociado de uma significação? O ensino de literatura precisa ser visto como potência, porque a literatura não fetichiza nenhum saber, porém ela faz girar saberes.

A origem do ensino da literatura no Brasil é historicamente datada do século XVIII. Segundo Oliveira (2008), a retórica e a poesia se confundiam nas propostas pedagógicas do Imperial Colégio de Pedro II, fato que até os dias atuais a confusão metodológica acontece. Este texto concentra o olhar para o Ensino Médio de uma escola pública no interior da Bahia, mais especificamente, para os estudantes do último ano, a maioria, portadores de aparelho celular e usuários de redes sociais.

Para Barthes (2001) a literatura tem três forças de poder: *mathesis*, *mimesis* e *semiosis*. A *mathesis* é a força de liberdade de articulação com outros saberes de diferentes áreas de conhecimento. *Mimesis* a força da representação do real

enquanto objeto de desejo. E a semiosis é a força da multiplicidade de sentidos. Roland Barthes defende a literatura como uma potência e disciplina mais importante, porque consegue abraçar todas as outras, afirmando: “Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.” (BARTHES, 2001, p. 16).

Investimos na criatividade e inventividade do estudante associados à literatura e outros signos, para escapar de propostas pedagógicas fechadas. Uma das ações foi transformar o espaço de sala de aula num laboratório, para que as oficinas de leituras se realizassem. Outra ação foi a transmutação do texto literário de uma série discursiva para outra, numa tentativa de aproximar o texto do leitor. E assim, a literatura dialoga com outras artes (cartazes, teatro, cinema, as pinturas, as charges, cartas, grafite, bilhetes entre outros) modificando o cotidiano literário que se consolidou com as táticas de desmontagem. Para Certeau (1998), as táticas de invenção são como artes do fraco, do ser marginalizado, subalternizado pelas políticas sociais.

Lembrando que a prática da desconstrução do literário em nada diminui o prazer pelo texto lido, nem funciona como obstáculo para deixar de fazer a leitura, a desmontagem acontece após as leituras, como defende DERRIDA (2014, p. 84): “A experiência de “desconstrução”, de questionamento, de leitura ou de escritura “desconstrutora” de nenhuma forma ameaça ou lança suspeita sobre *o enjoyment*. Acredito justamente o contrário. Sempre que há “gozo”... há ‘desconstrução’...”

Em nenhum momento descartamos o livro didático de Língua Portuguesa, contudo, a proposta pedagógica amplia a discussão dos textos literários dispostos no livro. Este, apontado como um recurso pedagógico a mais para extensão de conteúdos e fomentação de leituras críticas. Seidel (2017) discorre sobre a importância de se fazer a leitura decolonial, transgressora, uma leitura como uma arma de guerra, capaz de transformar gente e mundo. Desse modo,

Ler, interpretar, compreender textos e compreender melhor a si, aos outros e ao mundo à sua volta. E não: interpretar para dominar, para impor uma versão do passado; para legitimar uma determinada versão da história, dos fatos, do mundo. Hoje falamos muito - especialmente na teoria literária, mas também em outras áreas das humanidades - em que leitura decolonial ou leitura descolonizadora. Esse tipo de leitura, interpretação e compreensão tentam nos ensinar como reler, desler, dando novos sentidos aos textos do passado, texto que muitas vezes nos tentavam convencer de que o mundo teria que ser como nos era mostrado (SEIDEL, 2017, p. 5).

É preciso dar novos sentidos à leitura, é preciso notar a presença do leitor; receptor do texto. Um leitor que deixou de ser passivo há muito tempo e desempenha uma função muito importante nos textos. Quando Seidel propõe uma leitura transgressora para a desleitura, de certa forma, ele nos convida para desfazermos de conceitos preconcebidos e combater o significado transcendental. Compromisso já firmado com o leitor por Barthes (2004, p. 41), ao defender que, no campo da leitura permeia a subjetividade absoluta, mas o “leitor é sujeito inteiro”.

E pensando no leitor como sujeito múltiplo, que desmonta e afirma identidades transgressoras em espaços virtuais ao converter fragmentos do texto literário, do livro didático, numa potência para buscar novas leituras. Esse leitor dribla as lacunas do serviço público educacional, desde a falta de bibliotecas e laboratórios de informática a profissionais técnicos nas escolas, fazendo a diferença. Leitor que se apropria das forças de liberdade da literatura, defendidas por Barthes (2001), e associa literatura à semiótica. Afinal, como as tecnologias digitais funcionam nas escolas públicas? É o nosso próximo passo.

Ensino da literatura e as tecnologias digitais: uma conturbada relação

Cada vez mais os estudantes da educação básica utilizam-se de ferramentas digitais para apropriação do literário, se antes era apenas para uma consulta de textos, o cenário mudou completamente (AMORIM, 2020, p. 3) .

Estudantes estão cada vez mais conectados, é fato. No entanto, o cenário educacional como um todo, está distante desta conexão. Infelizmente, há um lapso nas práticas pedagógicas no ensino de literatura, consequência das faltas latentes no âmbito escolar: salas de vídeo, laboratórios de informática, bibliotecas, Internet entre outros. Porém, quando os estudantes se apropriam de ferramentas digitais para produção e apropriação do literário, como diz Amorim (2020), o cenário educacional é transformado e transformador.

As ações inventivas no âmbito escolar são práticas singulares de professores que fazem a diferença num cenário em que a leitura não desperta o prazer pelo texto, já que estudantes de Ensino Médio afirmam, no início de cada ano letivo, não gostar de leitura, mas, em determinadas turmas, as respostas modificam ao longo do curso. Tais mudanças, levam-nos a inferir, como resultados de determinadas práticas pedagógicas dos(as) professores(as), principalmente, quando estes(as) fazem uso das tecnologias digitais na sala de aula e quebram paradigmas.

Oliveira e Pesce (2012), ao discutirem a aprendizagem online, afirmam que as Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC (re)configuram um novo modelo de sociedade e de educação, mesmo porque é preciso pensar na

educação como aprendizagem mediada. Sem dúvida, estamos vivendo numa sociedade tecnológica e, necessariamente, precisamos reaprender a ensinar. E para que essa aprendizagem flua, o caminho é o diálogo. A educação precisa estabelecer um diálogo saudável com as TIC, promovendo a inserção dos alunos neste cenário, a princípio, equipando as escolas para uma recepção prazerosa e eficaz.

Inegavelmente, as relações entre educação e tecnologias precisam ser ajustadas, os eventos acontecem simultaneamente e as concepções de temporalidade parecem escapar, mas a educação não consegue administrar o tempo, isso já sinalizado por Castells (1999, p. 490) “na pós-modernidade o tempo é efêmero, desordenado, numa sequência de eventos simultâneos”. Quando (a escola pública investigada) realizou o cadastro de estudantes no site literário Recanto das Letras, por exemplo, foi um passo importante para apresentá-los ao espaço virtual, não apenas como leitores, mas como prováveis autores de textos virtuais, no entanto, são ações restritas a um grupo focal. Tais práticas pedagógicas pontuais aproximam o leitor do texto virtual e favorecem os diálogos entre educação e as tecnologias a partir de diferentes linguagens, principalmente, quando as produções estudantis migram para um canal do youtube.

Vale ressaltar que muitos estudantes criam perfis performáticos nos espaços virtuais, mas não deixam de divulgar suas produções. Para Sibília(2014) uma performance, apesar da popularização na contemporaneidade, continua sendo um termo “escorregadio, repleto de ambiguidades e dobras”. Atitude que proporciona a construção de si como espetáculo para “vender” uma imagem projetada e atraente que se distancia da autenticidade.

Enquanto a performance parece enfatizar o artifício e a encenação, a autenticidade reivindica algo que seria extremamente o contrário. É possível que vivamos atualmente, tanto na “era da performance” como na “era da autenticidade”? (SIBILIA, 2014, p. 49).

Bem, ao ostentar uma identidade ilusória nos ambientes virtuais com perfis performáticos, a intenção do estudante de Ensino Médio é favorecer a recepção do texto autoral e inferir no texto do colega, sem necessariamente se identificar. Queira ou não, a performance é mais um laço dessa conturbada relação entre o ensino da literatura e as tecnologias digitais enquanto ferramentas, não apenas de leituras, mas de produção do literário. Vale retomar o que se define literatura,

Muitas têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita “imaginativa”, no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede (EAGLETON, 2006, p. 1).

Há uma dificuldade muito grande em definir a literatura, porque apontá-la como uma escrita “imaginativa” e “criativa” como diz Eagleton, poderia implicar numa descaracterização de outras ciências humanas no que tange a criatividade. Indo além, Eagleton (2006, p. 3), ao discutir o pensamento de Jakobson sobre a literatura ser uma “violência organizada contra a fala comum”, vai nos dizer que “A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana.” E desse ato de transformação ou criação literária, surge o leitor-autor. É a discussão a seguir.

A (trans)formação do leitor na contemporaneidade

... o prazer da leitura vem evidentemente de certas rupturas (ou de certas colisões): códigos antipáticos (o nobre e o trivial, por exemplo) entram em contato... (BARTHES, 1987, p. 11).

Não é fácil conquistar o leitor, para Barthes, o prazer do texto está nas rupturas, nas transgressões, nos atos criativos, colisões, neologismos nas diferentes dobras que um texto se mostra para o leitor. E pelo prazer da leitura o texto foge dos termos “bom” ou “mau”, em suas palavras: “Se aceito julgar um texto segundo o prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, aquele é mau. Não há quadro de honra, não há crítica, pois esta implica sempre num objetivo tático, um uso social e muitas vezes uma cobertura imaginária (BARTHES, 1987, p. 20).

O prazer do texto se distancia das salas de aula quando as escolas não oferecem condições mínimas para despertar o gosto pela leitura em seus estudantes. A efetiva transgressão do literário através da transmutação do signo, implica na transformação do leitor, e, com a efervescência das tecnologias digitais, apenas a formação não basta, o leitor transforma-se em leitor-autor e espalha produções em redes sociais e sites literários.

Para aproximar a literatura do leitor (estudante do Ensino Médio), o caminho tem sido a junção da literatura e a semiótica. Ouvir a sugestão do leitor do livro didático para que a distância texto/leitor seja minimizada. Mesmo porque, a formação do leitor é atividade árdua e lenta, às vezes as escolas cobram um resultado a curto prazo, contudo, não é o exercício de leitura que nos interessa, mas a desleitura, ir além do lido, como defende Seidel (2017).

A abordagem foucaultiana sobre o papel social do autor, aponta uma des-sacralização do autor, pois o nome autor sofreu a “desapropriação”, ele corre os limites do texto, com isso, o texto é falado pela linguagem. Em consonância com o discurso de Foucault (1992), encontramos Barthes (2004), que sugere a morte do

autor para que o leitor viva no texto, porque, para ele, é o leitor que imprime uma postura no texto. Esses dois teóricos franceses, desde o final da década de 1950, pensaram na importância do leitor enquanto sujeito inteiro. Isso porque,

...Finalmente, fora da própria literatura (a bem dizer tais distinções se tornam superadas), a linguística acaba de fornecer para destruição do Autor um instrumento analítico precioso, mostrando que a enunciação em seu todo é um processo vazio que funciona perfeitamente sem que seja necessário preenchê-lo com a pessoa dos interlocutores (BARTHES, 2004, p. 60).

Ao destituir o poder do Autor, Barthes desloca o leitor de uma posição secundária para uma posição relevante, pois o leitor torna-se o responsável para conduzir e ressignificar a leitura. Em suas palavras: “É essa leitura, ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois a ele volta e dele se nutre” (2004, p. 26). Mais uma vez, o convite à transgressão é feito, cabe ao leitor aceitá-lo ou não. E quem não se deixa aprisionar ao livro didático, avança bem mais, pelo menos é o que aponta a investigação de Amorim(2014) defendida na dissertação, cujo título: *Desmontagem da literatura na educação básica: modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder*.

Infelizmente, muitos estudantes chegam no último ano do Ensino Médio com um repertório de leitura literária muito baixo. Todavia, as oficinas de leituras, rodas de conversas, os círculos literários, entre outros procedimentos pedagógicos realizados durante o ano letivo, são estratégias para modificar este cenário que, de certa forma, tem surtido efeito, pois há uma mudança de olhar para o texto literário. Se ontem a literatura parecia ser algo distante, hoje já não está tão distante assim do leitor-autor. Ao apropriar-se de um texto literário e passar de uma série discursiva para outra, muitas leituras fluem e os laços de afinidades se fortalecem.

Reverendo as práticas de leituras literárias entre o período de 1998 a 2018, percebemos as tecnologias digitais grandes responsáveis por mudanças pontuais no cenário educacional, no que tange o ensino da literatura no Ensino Médio. Antes, a resistência à leitura prevalecia na sala de aula e os resultados das leituras, constantemente, eram sabotados, estudantes apagavam as marcas de autoria nos trabalhos expostos nos murais, ora pichando cartazes, ora rasgando-os para não serem identificados nas produções expostas. Vinte anos depois, o apagamento autoral aparece nos perfis performáticos criados nos espaços virtuais para circulação de textos estudantis. A literatura que informa, também transforma o cidadão, mesmo com as falhas do sistema educacional, o cotidiano literário vem se (trans)formando lado a lado com os estudantes. Performático ou não, o estudante usa o ambiente virtual para produzir e afirmar identidades.

Ao percorrer alguns perfis abertos de autores no site literário Recanto das Letras, criados por estudantes de Ensino Médio, ano de 2017, notamos mudanças significativas na formação do leitor. O autor que se identifica como “Yen Sunset”, por exemplo, atualmente com 21 anos, homem, tem o registro de oito publicações: contos, crônicas, infantil, poesias e sonetos. Toda produção dele é fruto de desmontagens literária no período em que o autor cursava o último ano do Ensino Médio, em 2017, numa escola pública no interior da Bahia, ou seja, “Yen Sunset” é um leitor que ao transmutar o texto lido de uma série discursiva para outra, torna-se leitor-autor. É interessante, que mesmo usando um pseudônimo, o autor exibe no perfil uma foto com a farda do colégio em que estudava e assina o texto do perfil, conforme busca feita ao referido site em 20 de setembro de 2021.

Não é muito diferente o perfil de “Um Pequeno Aprendiz”, mesma idade e gênero de “Yen Sunset”. Ele tem doze textos publicados em diferentes modalidades como: contos, crônicas, poesias e infantil. No entanto, a produção desmontada desse autor chamou a atenção, porque mesmo depois de concluir o Ensino Médio, ele continuou utilizando o espaço virtual para produção literária. Fato comprovado através do Soneto intitulado “Soneto da Traição” (resposta ao Soneto da Fidelidade de Vinícius de Moraes) publicado em abril do ano de 2018, quando o estudante que se identifica como “Um pequeno aprendiz” estava matriculado numa universidade no Estado de São Paulo. Com isso, leva-nos a inferir o quanto é positivo fazer essa inserção do estudante no espaço virtual, pois o conhecimento de uma literatura que se movimenta foi além do Ensino Médio. “Um Pequeno Aprendiz” se identifica no perfil através de:

Eu sou poesia
Sou música e verso
Averso, canção e melodia
Rima inacabada, aliviada pelo cantar da alma.

Eu sou obra incompleta
Feita de muitas partes
Eu sou como a lua
Cheio de fases.

Partes de mim tem nome
Tem cheiro, lembrança, saudade.
Partes de mim, são os pedaços, (minhas) metades.

Sendo eu o misto
De todos os sentimentos que abrigo e que me invadem.
Sou feito de mim, da minha própria verdade.
(Um Pequeno Aprendiz, Rascunhos de mim, 2017 In: Recanto das Letras, acesso 20/09/2021)

“Rascunhos de mim” de Um Pequeno Aprendiz traz perfil poético, pois se identifica como música, verso e averso, numa forma clara de se mostrar um sujeito múltiplo, feito de vários “pedaços”, com a certeza da sua incompletude em “Eu sou obra incompleta” e “Cheio de fases”. Sem dúvida, as produções literárias estudantis nos espaços virtuais representam mudança no sistema educacional, já que sala de aula ficou pequena diante de um aparelho celular, assim, outros espaços são percorridos e, conseqüentemente, demarcados por táticas inventivas para não se deixar aprisionar por propostas pedagógicas fechadas em si mesmas. Falando em tática, vale lembrar da defesa de Certeau(1998),

...tática é arte do fraco(...) sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo a tática é determinada pela ausência de poder assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder. (CERTEAU, 1998, p. 101)

O ensino da literatura tem seus entraves e avanços, e as táticas usadas como linhas de fugas fazem parte da construção de um cenário educacional mediado pelas tecnologias. E como diz Arena (2009), o uso das tecnologias de comunicação e informação proporcionaram a criação de um leitor-autor, um construtor de sentidos que atua tanto como leitor como autor. Um fenômeno que cresce a cada dia. E esse leitor-autor cada vez mais se faz presente nos espaços virtuais, fazendo da sua tática de inventar o cotidiano literário uma potência, afinal, a literatura no ato da desmontagem se multiplica em séries e, em rede se movimenta.

Enfim, novos caminhos possíveis

literatura faz girar saberes, não fixa, nem fetichiza nenhum deles: ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso (BARTHES, 2001, p. 17).

Percorrer o caminho do ensino da literatura pensando na afirmação e formação do leitor-autor, a priori, é imprescindível girar os saberes. Em seguida, investir nas forças de poder de literatura e promover encontros entre textos e leitores, seja através de oficinas presenciais ou virtuais, navegação em sites literários, neste caso, escolhemos o Recanto das Letras, pela facilidade de ingresso de estudantes de educação básica na condição de leitores e autores.

Assim como Barthes, elegemos também a semiose para andar lado a lado com a literatura, pelo poder de multiplicar os sentidos, pois as práticas transgressoras combatem o significado transcendental. E a produção de vídeos

curtos amplia o olhar para a literatura associada a outros signos. Ao refletir a imagem em movimento a partir do estudo literário, foi possível promover o diálogo entre cinema e literatura. Deleuze (2009, p. 45), fundamentado em Bergson, define a imagem- movimento como “movimento puro extraído dos corpos ou dos móveis”. A imagem-movimento é como um eterno devir, ao mesmo tempo centralizado e descentralizado.

Como os povos subalternos no Brasil, escravizados por sistemas políticos, sociais e linguísticos, em diferentes épocas, criaram caminhos de fugas das mordidas e aprisionamentos, os estudantes de Educação Básica também recriam a literatura através da desconstrução do texto, escapam do engessamento ao livro didático e ampliam as discussões sobre o lugar da literatura. Performáticos ou não, no espaço virtual, muitos estudantes não se intimidam em postar a foto no perfil, uma aparente contradição para quem almeja o anonimato, talvez, o prazer de ser lido justifique tal paradoxo.

Mesmo com as pendências e carências do sistema educacional existem práticas pedagógicas inovadoras e inventivas que contribuem com a formação e transformação de leitores e leitoras. Não temos receitas prontas, nem manuais, mas encontrar trinta e três textos de autoria de “ACGusmão”, cadastrada no Recanto das Letras aos 17 anos, atualmente ela está com 21 anos, mulher, graduanda, compositora, é sem dúvida, um exemplo de afirmação de identidades. A utilização frequente da internet para produção textual fez com que a jovem continuasse com o projeto de leitura e escrita, mesmo não estando mais cursando o Ensino Médio, como já vimos, ela não é a única. É possível fazer da literatura uma arma de guerra, é possível promover a leitura literária na sala de aula, porém, é importante a promoção das desleituradas, se quisermos estudantes autores das próprias narrativas.

Apesar da lentidão, as mudanças nas práticas pedagógicas relativas ao ensino da literatura na educação básica acontecem, e, conseqüentemente, interferem na formação do leitor. As pichações em cartazes foram substituídas pelo grafite literário nos muros, dessa vez, estudantes fazem questão de aparecer em fotos, vídeos, apresentando a literatura que saiu da sala de aula para ganhar outros espaços. A leitura tímida de outrora perde espaço para as declamações, encenações que vão parar em redes sociais, com isso, a literatura se movimenta nos espaços virtuais, não apenas formando leitores, mas transformando-os.

Referências

AMORIM, Elisabeth Silva de Almeida. **Desmontagem literária na educação básica:** modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder. Dissertação de mestrado em Crítica Cultural. Alagoinhas: Universidade do Estado da Bahia/ Campus II. 2014.

AMORIM, Elisabeth Silva de Almeida. **A transvaloração do signo ensino da literatura em rede**. quem é o autor? Anais VII CONEDU - Edição online - Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67858>>. Acesso em: 28/07/2021 17:28.

ARENA, Adriana Pastorello Buim. **Leitor-autor**: o sujeito construtor de sentido. Artigo. In: Revista da Educação PUC/ Campinas, n. 26, p. 19-28, jan/jun. 2009.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. Trad. Leyla Perrone - Moisés. São Paulo: Cultrix. Pronunciada em 7 de janeiro de 1997. 2001.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Prefácio de Leyla Perrone - Moisés. Trad. Mário Laranjeira, 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 1994. p. 197-221.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: arte de fazer. 3ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Cinema I**: imagem-movimento. São Paulo: Brasiliense, 1985

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2**: imagem- tempo. São Paulo: Brasiliense, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EAGLETON, Terry. Introdução: O que é literatura? In: EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução Waltensir Dutra (revisão da tradução, João Aze-nha), 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. O que é o autor? In: FOUCAULT, Michel. **O que é o autor?** Tradução de Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992. p. 29-87.

NIETZSCHE, F. W. **Vontade de potência I**. Tradução de Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. O ensino de literatura e a identidade nacional: o caso brasileiro. In: SANTOS, Josalba Fabiana dos; OLIVEIRA, Luiz Eduardo(Org.). **Literatura e Ensino**. Maceió: EDUFAL, 2008, p. 27-42.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **O Alvará de 1759 e os professores de retórica**: primórdios do Ensino da Literatura no Brasil. In: I Seminário de História do Ensino de Línguas, 2009. São Cristóvão. Anais do Seminário de História do Estudo das Línguas, 2009. v. 1, p. 1-13.

OLIVEIRA, Maria Olívia de Matos; PESCE, Lucila (Org.) **Educação e cultura midiática**. v.1 Salvador: EDUNEB, 2012.

PEREZ, Tereza. (Org.) **BNCC**: a Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica. São Paulo: Editora Moderna, 2018.

RECANTO DAS LETRAS, Site. Um Pequeno Aprendiz et al. In: **Autores**. Disponível <https://www.recantodasletras.com.br/autores.php>. Acesso em 20 de set. 2021.

SANTOS, Osmar Moreira dos. **A luta desarmada dos subalternos** (online) Belo Horizonte: UFMG, 2016.

SEIDEL, Roberto Henrique. **A materialidade do texto na contemporaneidade**: deslendo os conceitos de autor, leitor e obra. Comunicação oral, II Simpósio de desleitura em série. Jacobina: Universidade do Estado da Bahia, apresentação em 17 de maio de 2017.